

A Declamação Trágica

Basílio da Gama

Poema dedicado às belas-artes

theatris
fundamenta locanta,
scenis decora alta futuris.

Tu, que os costumes nossos melhor que ninguém pintas,
Ensina-me o segredo, com que dás alma às tintas.
Empresta-me as imagens, a quem dão vida as cores,
Quadros, que a tua mão quis semear de flores.
Tu nos deixaste as leis dos números diversos,
Despréaux, eu canto a Arte de recitar os versos.
A Dama, que em teus muros, magnífica Lisboa,
Espera ornar a frente co'a trágica coroa,
Se quer que em seus louvores o povo se desvele,
Estude o que é Teatro antes de dar-se a ele.
Aprenda a magoar os insensíveis peitos,
E saiba da sua arte as regras, e os preceitos.
Deve pensar, sentir; ou a balança justa
Do povo há de ensinar-lho um dia à sua custa.
A Corte lhe promete conquistas de mil almas,
E para a nobre testa pronta lhe oferece as palmas.
Do público o bom gosto segura-lhe a vitória,
E abre-lhe um caminho mais fácil para a glória.
Lê nos turbados olhos do seu triunfo efeitos.
Tem no teatro um trono, reina nos nossos peitos.
Vós, que buscais a glória, não procureis atalhos:
O plácido descanso é filho de trabalhos.
Pisai o ócio vil, que flores tem por leito:
Exercitai a voz, e cultivai o peito.
Lede no coração, sondai a Natureza.
Sabei as doces frases da língua Portuguesa.
Luzir não pode a Dama, que a sua língua ignora,
Apesar dos tesoiros, que espalha quem a adora.
O povo, assim que a vê, começa a assobiar:
Para falar em verso convém saber falar.
Julgai a sangue frio, e examinai por gosto
Que paixões, que carácter exprime o vosso rosto.
Nele hão de respirar as iras, o furor,
E por seu turno a raiva, o ódio, a ambição, o amor.
Talvez a enternecer-nos vosso desejo aspira?
Fazei com esses olhos que eu na infeliz Zaíra
Veja a cruel batalha de um peito generoso,
Que perde as esperanças de vir a ser ditoso:
Quando banhando as mãos do Pai, a quem adora,
Prefere ao seu Amante um Deus, que ainda ignora.

Nos papéis furiosos quereis levar a palma?
Pinte o terror dos olhos toda a desordem d'alma.
Seja funesta a voz, horrendo, e incerto o passo.
De vosso rosto o povo leia no breve espaço
Projetos horrorosos, que forma um'alma impia;
E, apenas vós saís, em vós veja Atalia,
Que sobre si já sente a mão que chove os raios.
Cercada de remorsos, entre cruéis desmaios,
Uni, se é que quereis arrebatat-nos logo,
A um medonho aspecto um coração de fogo.
O público embebido c'oa trágica grandeza
Olha pra o vosso estado, não olha pra beleza.
Estátuas, sobretudo, Melpômene aborrece,
Em cujos frios rostos paixão não aparece.
Cheias de afetação, seus insensíveis peitos
Com arte dão suspiros, chorando fazem jeitos.
A Dama presumida estuda o dia inteiro
Um brando mover de olhos, ao vidro lisonjeiro.
Vai, um por um, dispondo por simetria os passos,
E aplaude ao movimento dos vagarosos braços.
Do vidro, que te engana, não sigas o conselho.
Busca, que dentro d'alma tens o melhor espelho.
Defronte dos cristais, que adulam a vaidade,
Não, a razão não julga: quem julga é a vontade.
Porque feições alheias, por obra do artifício,
Vos formam da beleza o mágico edifício,
C'oa roupa flutuante azul, e cor-de-rosa,
Cuidais que fingis Vênus, ou Palas majestosa?
Não vedes que a soberba vos alucina, e cega?
Voss'alma porventura toda jamais se entrega?
Os vossos olhos mortos nunca disseram nada?
Moveis-me ao pranto, ainda de lágrimas banhada?
Mas vós continuais com um doce sorriso!
Assim, assim na fonte se contemplou Narciso.
Dentro do vosso peito é que podeis achar
A arte de enternecer, e o modo de agradar.
Depois de um longo estudo de um dia, e outro dia,
Saí: o vosso gênio vos servirá de guia.
Já o Casquilho louco, que é de si mesmo amante,
Chega, desaparece, torna no mesmo instante,
Inficionando o ar c'o almíscar que em si deita.
O sério Magistrado se entesa, e se endireita.
O grosso Negociante, que o ler tem por desdoiro,
Todos os seus desejos comprando a peso de oiro,
Pende de vossa boca no curvo anfiteatro.
Fica a platéia atenta c'os olhos no teatro.
Por vós é que se espera: está tudo em segredo:
Olhai pra multidão sem enfiar de medo.
Mas nunca os vossos olhos doces, e encantadores
Pareça que mendigam do público os louvores.
Desdenha esse artifício o público arrogante.
Zomba da namorada, honra a representante.
Entrando, o vosso andar simples, e majestoso
Ofreça aos nossos olhos um ar imperioso.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

